

PREDOMÍNIO DO POSITIVISMO NA CONTABILIDADE: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA NO BRASIL

THE PREDOMINANCE OF POSITIVISM IN ACCOUNTING: REFLECTIONS ON RESEARCH IN BRAZIL

O artigo foi aprovado e apresentado no 10th Accounting & Governance Conference, realizada na Universidade de Brasília (UNB) nos dias 06 a 08 de novembro de 2024.

RESUMO:

A contabilidade, enquanto ciência social aplicada, foi influenciada por correntes filosóficas que orientaram sua busca por legitimidade científica. Entre elas, o positivismo exerceu papel predominante, ao priorizar a objetividade, a neutralidade e a observação empírica como fundamentos para a construção do conhecimento contábil. Essa influência contribuiu para consolidar a visão de que a contabilidade deveria pautar-se em métodos de mensuração e representação, alinhando-se ao ideal de ciência natural. Contudo, o predomínio dessa perspectiva também acarreta limitações, especialmente quanto à compreensão da contabilidade como prática social. O objetivo deste ensaio é refletir sobre as possibilidades metodológicas para a pesquisa contábil brasileira, a fim de enriquecer o debate científico e fortalecer o desenvolvimento da área. O estudo aborda quatro tópicos: reflexões sobre a pesquisa contábil no Brasil, o positivismo na contabilidade segundo Auguste Comte, críticas às pesquisas positivistas na contabilidade e uma seção voltada à compreensão das abordagens críticas e interpretativas. No ensaio, percebe-se que o positivismo reduz a complexidade dos fenômenos humanos a números, ignorando as dimensões sociais e culturais essenciais para uma compreensão completa da realidade contábil. A predominância do positivismo também limita a inovação e a diversidade metodológica, criando barreiras a abordagens alternativas que poderiam enriquecer a pesquisa contábil. Este ensaio destaca a necessidade de integrar abordagens críticas e interpretativas a métodos quantitativos e qualitativos, o que pode contribuir para o avanço da pesquisa contábil no Brasil.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Epistemologia Contábil, Paradigmas Contábeis.

ABSTRACT

Accounting, as an applied social science, was influenced by philosophical schools of thought that guided its quest for scientific legitimacy. Among these, positivism played a predominant role, prioritizing objectivity, neutrality, and empirical observation as foundations for the construction of accounting knowledge. This influence helped solidify the view that accounting should be based on measurement and representation methods, aligning with the ideal of natural science. However, the dominance of this perspective also creates limitations, especially regarding the understanding of accounting as a social practice. The objective of this essay is to reflect on the methodological possibilities for Brazilian accounting research as ways to enrich the scientific debate and strengthen the development of the field. The study covers four topics: reflections on accounting research in Brazil, positivism in accounting according to Auguste Comte, criticism of positivist research in accounting and a section aimed at understanding critical and interpretive approaches. The essay shows that positivism reduces the complexity of human phenomena to numbers, ignoring the social and cultural dimensions that are essential for a complete understanding of accounting reality. The predominance of positivism also limits innovation and methodological diversity, creating barriers to alternative approaches that could enrich accounting research. This essay highlights the need to integrate critical and interpretive approaches, together with quantitative and qualitative methods that can contribute to the advancement of accounting research in Brazil.

Keywords: Critical Theory, Accounting Epistemology, Accounting Paradigms.

Jomar Miranda Rodrigues

Mestre e doutor em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília (2007 e 2012). Graduado em Ciências Contábeis pela União Pioneira de Integração Social (2001). Professor Associado do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Universidade de Brasília, em nível de graduação e pós-graduação. Editor Chefe-Adjunto da Revista de Contabilidade Gestão e Governança da UnB desde ago/2024. E-mail: Jomar@unb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4371492514010904>. <https://orcid.org/0000-0001-5961-243X>

Mariana Pereira Bonfim

Doutora em Ciências Contábeis pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCONT) pela Universidade de Brasília - UnB (2018); Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2014); Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2011); Docente permanente do Mestrado Profissional em Administração Pública em Redo Nacional - PROFIAP; Docente convidada do Mestrado em Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e-mail: marianabonfim@id.uff.br. <http://lattes.cnpq.br/6281056363283128>. <https://orcid.org/0000-0003-2339-0462>

Sheyla Veneziani Braga

Doutoranda em Contabilidade pela Universidade de Brasília (UNB). Mestra em Contabilidade e Finanças pela UFG. Atua como Professora de projetos pela FGV e Coordenadora do Curso de Ciências contábeis na UNIFANAP, professora nas disciplinas: Teoria da contabilidade, Contabilidade Intermediária, Contabilidade de Custos e Planejamento Tributário. Editora de layout da revista UFG Contabilidade Inovação. Membro do Laboratório de Contabilidade, Inovação Sociedade (LACIS). Seu interesse de pesquisa envolve estudos com potencial impacto social, especialmente utilizando teorias relacionadas a: Contabilidade para a Inovação, Sistemas de Controle Gerenciais e Controle cultural. E-mail: venezianisheyla@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/2902817083141475>. <https://orcid.org/0000-0003-3548-4714>

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento científico exerce influência na evolução e reconfiguração da sociedade (Kuhn, 1962). Essa perspectiva destaca a importância da pesquisa científica como instrumento capaz de observar as mudanças sociais, compreender seus impactos e propor soluções para os problemas emergentes. Nesse contexto, a contabilidade ganhou destaque nas últimas décadas, devido ao impacto das informações geradas e divulgadas para as tomadas de decisões e na formulação de políticas públicas (Mohammed, 2024).

Até a década de 1960, o paradigma teórico e metodológico dominante na pesquisa em contabilidade era o normativo. Nesse período, era comum que os pesquisadores elaborassem manuais com prescrições e modelos considerados capazes de orientar os gestores na tomada de decisão, partindo do pressuposto de que a aplicação dessas regras conduziria as empresas a níveis superiores de desempenho. Assim, a teoria contábil possuía caráter prescritivo e, por essa razão, não fornecia fundamentos normativos suficientes para a elaboração de relatórios destinados a apresentar informações financeiras úteis (Pires; Niyama & Noriller, 2018).

Na década de 1970, a pesquisa empírica ou positivista emergiu como o paradigma predominante, focando na investigação de “o que os gestores fazem?”, diante da observação da realidade e da formulação de leis universais (Major, 2017). Para Iudícibus *et al.* (2011), a Teoria Contábil Positiva (*Positive Accounting Theory*) pode ser considerada como uma tentativa de inserir a pesquisa contábil no rol das ciências naturais. Martins (2005), esclarece que o Positivismo virou símbolo de pesquisa científica em contabilidade, utilizando-se do domínio da estatística e da matemática, podendo comprovar ou não hipóteses. Entretanto, esse tipo de pesquisa é criticado em termos de desenvolvimento do conhecimento e inovação, impedindo considerar questões que metodologicamente não se insiram na lógica positivista (Macagnan *et al.*, 2020).

Duas razões levantam dúvidas sobre a precisão metodológica dos estudos positivistas. A primeira refere-se ao fato de que os conceitos fundamentais da contabilidade, como ativos, passivos e resultados, são construções sociais e, portanto, interpretativos, diferindo das medições realizadas nas Ciências Naturais (Major, 2017). Essa limitação decorre da natureza não independente dos números contábeis em relação à teoria examinada. Considerações como essas têm incentivado pesquisadores a se distanciarem das teorias positivistas e explorarem metodologias e perspectivas alternativas, especialmente na contabilidade gerencial. Nesse sentido, observa-se um movimento de rejeição ao paradigma convencional (Macagnan *et al.*, 2020).

Sob uma perspectiva filosófica, os estudos da Teoria Contábil Crítica evitam os métodos quantitativos devido à sua incapacidade de abordar as implicações sociais da contabilidade (Everett *et al.*, 2015; Richardson, 2015). Em relação a essa abordagem, vê-se que a ênfase em metodologias quantitativas, embora importante para a análise de dados financeiros e econômicos, a maioria, omite aspectos comportamentais, culturais e éticos que são necessários para uma compreensão holística da contabilidade. (Baker & Bettner, 1997). Nesse entendimento, Sayed *et al.* (2019) destacam que não basta analisar os ramos da contabilidade de forma isolada. Mostram-se relevantes o estudo e a reflexão sobre a história da contabilidade como um todo, pois, a partir desse entendimento, torna-se possível ampliar as discussões e promover a evolução da ciência contábil.

Nas pesquisas recentes, Costa *et al.* (2024), observaram que grande parte dos artigos que desenvolvem hipóteses não se baseia em teorias consolidadas, e apenas uma parte deles cria um modelo empírico para testar suas hipóteses e poucos se preocupam em validar os resultados obtidos. Além disso, constatou-se raros os artigos em contabilidade financeira que completam todo o ciclo de pesquisa, indicando que a produção científica ainda não alcançou um estágio de desenvolvimento. Nessa perspectiva, Alawattage *et al.* (2021) mencionam que as metodologias não são escolhidas atendendo a critérios de inovação na produção de conhecimento e potencial de contribuição, mas tendo por base critérios que assegurem a progressão acadêmica rápida e a reputação científica do pesquisador e das instituições.

A pressão por produtividade, aliada à concorrência por recursos e à redução do tempo disponível para maturação das pesquisas, é uma realidade para os programas de pós-graduação. Como consequência, observa-se um direcionamento para investigações aderentes às exigências editoriais e, portanto, com maior probabilidade de aceitação em periódicos qualificados (Patrus, Dantas & Shigaki, 2015). Esse fenômeno, descrito como o “jogo de publicação”, pode levar os pesquisadores a priorizar temas mais aceitos e com maior chance de publicação rápida, em detrimento de abordagens inovadoras ou interdisciplinares (Ramassa *et al.*, 2024). Nesse contexto, barreiras culturais e institucionais reforçam tais pressões, afetando especialmente os pesquisadores em início de carreira, que acabam mais vulneráveis a essa lógica (Chahed *et al.*, 2024).

Nesse contexto, torna-se relevante destacar o conceito de *mainstream*, entendido como o paradigma dominante na pesquisa contábil - marcado pela ênfase em métodos positivistas e quantitativos (Major, 2017). Como resultado, pode ocorrer uma homogeneização do conhecimento científico, onde tipos de investigação ganham destaque em detrimento da diversidade e da exploração de novas fronteiras, impondo desafios ao desenvolvimento de um conhecimento reflexivo e capaz de abordar as complexidades da sociedade (Bilhim & Gonçalves, 2022).

Nesse cenário de tensões epistemológicas e pressões institucionais que influenciam a escolha de temas e métodos, emerge a seguinte questão norteadora: como a pesquisa contábil brasileira pode ampliar suas perspectivas ao reconhecer e explorar abordagens metodológicas alternativas ao *mainstream*? O objetivo deste ensaio é refletir as possibilidades para a pesquisa contábil brasileira como formas de enriquecer o debate e fortalecer o desenvolvimento da área.

A discussão proposta neste estudo recai sobre a necessidade de uma abordagem holística e contextualizada na pesquisa contábil. Espera-se que essas reflexões permitam compreender e evidenciar a dinâmica da pesquisa e, assim, indicar opções de caminhos para a ampliação paradigmática da pesquisa contábil e, de certa forma contribuir com Vogt *et al.*, (2021) que argumentam sobre a necessidade de ruptura de pesquisas exclusivamente quantitativas para trazer uma nova perspectiva e compreensão de que as abordagens se complementam.

Esse ensaio busca contribuir para que se possa a superar as barreiras que limitam a produção científica em contabilidade, incentivando exploração de temas menos convencionais e o uso de metodologias que desafiem os padrões dominantes. A proposta não é excluir ou privilegiar uma abordagem metodológica, mas, sim, fomentar uma ciência mais inclusiva e diversificada, que valorize diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas. Nesse sentido, a reflexão aqui apresentada possui contribuições: amplia as possibilidades de investigação para pesquisadores em início de carreira, que muitas vezes encontram-se restringidos às agendas editoriais tradicionais; oferece subsídios para que programas de pós-graduação em contabilidade repensem seus critérios de avaliação, estimulando a pluralidade e a inovação científica; e contribui para que a pesquisa contábil brasileira esteja mais conectada às demandas sociais e econômicas contemporâneas, ao propor soluções que dialoguem com a complexidade da realidade. Ao transcender os limites do positivismo, busca-se fortalecer a relevância prática da produção acadêmica, ampliando seu impacto tanto na formulação de políticas públicas quanto no desenvolvimento das organizações.

2. POSITIVISMO NA VISÃO DE COMTE

O termo “positivismo” refere-se à necessidade de que qualquer julgamento sobre uma situação ou afirmação sobre o mundo seja validado pela experiência. Para Domingues (2004, p. 168), positivismo deriva da palavra “positivo” e está associado a uma atividade do espírito em oposição a teológica, metafísica ou ideológica (Domingues, 2004).

O positivismo apresenta-se em diferentes manifestações ao longo da história. Do ponto de vista filosófico, Auguste Comte (1973) apresenta o positivismo como doutrina filosófica, sociológica e política fundada na observação neutra e objetiva dos fenômenos (Pickering, 2011). No econômico, a perspectiva da economia positiva de Friedman (1953) foi incorporada à contabilidade por Watts e Zimmerman, ao tratar a firma como uma rede de contratos e propor explicações baseadas em regularidades observáveis. Já nas ciências sociais, o positivismo traduz na análise de indivíduos como entidades passivas, descritas objetivamente, sem ênfase em seu papel como construtores da realidade social (Nepomuceno, 2017).

Para Comte (1983), o estado positivo é marcado pela priorização da observação sobre a imaginação e a argumentação. A visão positiva dos fatos abandona a consideração das causas dos fenômenos (teológico ou metafísico) e torna-se pesquisa de suas leis, entendidos como relações constantes entre fenômenos observáveis (Cardoso, *et al.* 2013). A filosofia positiva, diferentemente das abordagens teológica e metafísica, rejeita a ideia de que os fenômenos naturais possam ser explicados por um único princípio, como Deus ou a natureza, ou qualquer outro equivalente (Brentano & Curvello, 2022).

De acordo com a Lei dos três estados de Comte (1983), a fase teológica caracterizou-se pela interpretação dos fenômenos como manifestações de uma divindade, restringindo o questionamento sobre as causas naturais em razão da aceitação passiva da vontade divina. A fase metafísica, por sua vez, representou um momento de transição, afastando-se das explicações sobrenaturais, mas ainda sem alcançar o rigor científico característico do estado positivo (Buchweitz *et al.*, 2019). Por fim, no estado científico, ou positivo, o homem adota uma postura crítica e analítica diante da realidade, buscando explicá-la por meio da observação sistemática e da formulação de leis gerais capazes de prever o comportamento dos fenômenos.

Segundo Comte (1978), a experiência revela apenas conexões limitadas entre certos fenômenos. Ainda segundo Comte (1978) cada ciência concentra-se no conjunto de fenômenos que não pode ser reduzido a outros, embora possa compartilhar métodos e abordagens. Portanto, as ciências possam compartilhar métodos e abordagens, cada uma lida com seu próprio domínio específico de fenômenos. A questão principal da abordagem positivista é: como usar os métodos das ciências naturais para estudar os fenômenos sociais e, consequentemente, considerar os fenômenos e assuntos sociais como objetos (Brandão, 2011).

Medeiros (2010) e Cazavechia (2017) descrevem que o conhecimento positivo é marcado pela capacidade de previsão, adotando o princípio de “ver para prever” como a base da ciência positiva. A previsibilidade científica facilita o desenvolvimento de técnicas, associando o estado positivo com a indústria, onde a natureza é explorada pelo homem. Para Comte (1983), o espírito positivo fundamenta as ciências como métodos para explorar o que é real, certo e indubitável, definido com precisão e utilidade.

Para os positivistas, a realidade é percebida como uma estrutura objetiva, concreta e externa ao pesquisador, podendo ser decomposta em variáveis explicativas (independentes) e dependentes. Essas variáveis são relacionadas por leis que descrevem suas interações. A abordagem positivista tende a simplificar a realidade, buscando isolar e estudar as relações entre variáveis fora de seus contextos naturais, muitas vezes em um ambiente isolado como um laboratório (Major, 2017). O uso de ferramentas matemáticas e modelos estatísticos tem sido instrumentalizado para hierarquizar a qualidade da pesquisa e afirmar a superioridade de seu trabalho (Crivelente, 2024).

No entanto, ao transpor essa lógica para a contabilidade, surgem limites. A mensuração de ativos, passivos e resultados nem sempre é objetiva, pois envolve julgamentos de valor e estimativas - como no caso de mensuração ao valor justo ou testes de *impairment* (Hartmann, 2022; Efrag, 2021). Major (2017) enfatiza que, diferente das ciências naturais,

onde há medidas consensuais e intrínsecas, na contabilidade não existe consenso universal sobre como quantificar tais elementos. Como exemplo, cita-se os *heritage assets* cuja singularidade e ausência de mercado tornam subjetiva sua avaliação, evidenciando as limitações da mensuração contábil (Carnegie & Wolnizer, 1995; Anessi-Pessina & Sicilia, 2020).

Apesar disso, é comum na pesquisa contábil que as abordagens positivistas utilizem métodos quantitativos (Nascimento & Costa 2025). Frequentemente, os estudos contábeis se baseiam em dados numéricos que são pouco questionados ou contextualizados, partindo-se da premissa de que refletem a realidade com objetividade. No entanto, como apontam Lourenço e Sauerbronn (2016), a contabilidade apenas retrata uma parte da realidade, e a pesquisa deriva de pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, o que evidencia que os números contábeis são construções sociais - não neutras nem autoevidentes. Neste contexto, o presente trabalho busca complementar essas abordagens por meio de uma reflexão teórica crítica, trazendo à luz perspectivas e ampliando o debate epistemológico na área da contabilidade.

3. CRÍTICAS AS PESQUISAS POSITIVISTAS NA CONTABILIDADE

Entre as décadas de 1930 e 1950 a literatura contábil foi marcada pela normatização. Durante esse período, houve um esforço para estabelecer padrões e regulamentações contábeis que pudessem ser aplicados de maneira uniforme (Santos *et al.*, 2014). No entanto, a abordagem normativa enfrentou críticas, sobretudo em relação à sua rigidez e à limitada capacidade de adaptação a diferentes contextos econômicos e empresariais. Sterling (1970), por exemplo, destacou que as prescrições normativas apresentavam baixo poder explicativo e utilidade prática restrita, o que levou, posteriormente, ao fortalecimento de abordagens alternativas como a teoria positiva (Watts & Zimmerman, 1986).

Assim, o positivismo ganhou destaque na contabilidade, especialmente nos Estados Unidos, entre os anos de 1960 e 1968 com o aumento de pesquisas que utilizavam modelos econômicos e métodos estatísticos para analisar escolhas contábeis e mensurar o impacto das informações contábeis nos mercados financeiros (Homero Junior, 2016). Artigos como, *Empirical Evaluation of Accounting Numbers* (1968), *The Information Content of Annual Earnings Announcements* (1968) influenciaram pesquisa contábil positivista ao integrar uma ideologia neoliberal, que tinha uma crença “quase” inabalável no poder do mercado para solucionar os problemas sociais (Avelar & Ribeiro, 2020).

Segundo Jeanjean e Ramirez (2009), o surgimento do positivismo foi facilitado pela separação entre teoria e prática contábil. Essa separação criou uma hierarquia no campo contábil, variando desde pequenos profissionais até grandes teóricos. Os grandes teóricos buscavam prestígio acadêmico ao se aproximarem de outras disciplinas, especialmente a economia. Dessa forma, os autores sugerem que as teorias normativas e positivas têm uma continuidade em termos da independência do campo acadêmico em relação à prática contábil, questionando a ideia de que a ascensão do positivismo representa um avanço em relação à tradição anterior.

Para os defensores do positivismo, Ball e Brow (1968), Beaver (1968), Watts e Zimmerman (1990) a teoria contábil deveria explicar e prever as práticas contábeis, de modo que pudesse fornecer informações aos usuários da informação contábil na tomada de decisões. Dessa forma percebe-se uma ruptura entre o que se havia produzido até a década de 1960 e o que se desenvolveria a partir desse marco, criando uma divisão entre normativismo e o positivismo. Contudo, uma teoria contábil não deve ser exclusivamente normativa ou positivista. De acordo com Silva, Niyama e Noriller (2018) a teoria contábil só é útil se conseguir explicar, prever e prescrever práticas contábeis. Isso ocorre na medida em que essas prescrições se baseiam nas constatações derivadas da explicação das práticas contábeis, atendendo assim às necessidades reais dos usuários da informação contábil.

Note-se que a abordagem positivista apresenta limitações. Primeiramente, por reduzir todos os esforços humanos a números (Houghton, 2011; Acharya, 2024) e adotando uma postura reducionista que simplifica entidades complexas ao estudo de suas partes (Santos *et al.*, 2012). Em segundo, por presumir que todos compartilham a mesma visão interpretativa da realidade, ignorando assim perspectivas subjetivas e contextuais. A pesquisa positivista dá pouco crédito - ou mesmo considera inútil - a natureza subjetiva e “não confiável” dos pensamentos, sentimentos e interpretações dos participantes da pesquisa (Phoenix *et al.*, 2013). Em terceiro, a ideia de que o pesquisador pode se manter independente do objeto de estudo é ilusória. Pesquisadores que partilham os mesmos dados podem chegar a resultados diversos, dependendo das escolhas analíticas que fazem - evidência clara de que procedimentos estatísticos não anulam a subjetividade, mas muitas vezes a ocultam (Breznau *et al.*, 2022) Além disso, na tradição da sociologia reflexiva, Bourdieu (1990s) mostra que o pesquisador carrega consigo um *habitus* social que inevitavelmente influencia sua pesquisa, tornando essencial a consciência crítica sobre sua própria posição e possíveis viéses.

A reflexão de Prévost e Beaud (2015) sobre a estatística reforça a crítica ao positivismo na contabilidade. Para os autores, os números não devem ser vistos como medições técnicas de uma realidade preexistente, mas como construções político-cognitivas atravessadas por disputas entre ciência, administração e política. Da mesma forma, a contabilidade não pode ser reduzida a representações neutras e objetivas, pois suas mensurações incorporam escolhas normativas e institucionais (Hopwood, 2002, 2007). Essa constatação fragiliza a premissa positivista de que os números contábeis refletem a realidade econômica.

Algumas críticas ao paradigma do positivismo foram expressas por Somantri (2013) e Ghazali (2004). Somantri (2013) critica o paradigma positivista por sua visão limitada e por não considerar as complexidades e nuances dos fenômenos sociais. O mesmo autor argumenta que o positivismo, com sua ênfase em métodos quantitativos, pode não captar completamente a natureza dos processos sociais e humanos envolvidos na contabilidade. Já Ghazali (2004) aponta que

a predominância do positivismo na contabilidade leva a uma visão restrita e muitas vezes ignora aspectos qualitativos e contextuais. Ele sugere que essa abordagem impede uma compreensão ampla e rica das práticas contábeis, subestimando a importância das interações sociais e culturais no campo.

De acordo com Suyunus (2012) o positivismo observa apenas a “superficie” que aparece sem compreender o significado mais profundo. O propósito consiste em alcançar generalizações sem considerar que de fato existem coisas como comportamentos humanos que não pode ser generalizado e ainda haverá um elemento de subjetividade (Cahyono & Daniel, 2023). Contudo, o paradigma positivista precisa mudar de perspectiva para aumentar o valor da pesquisa contábil. Conforme argumenta Chua (1986), complementar com abordagens interpretativas e críticas pode enriquecer a compreensão dos fenômenos contábeis, superando as limitações das metodologias puramente positivistas.

Ao sugerir alternativas à pesquisa contábil convencional, Chua (1986) não visava mapear todas as possibilidades de investigação, mas destacou abordagens e divergências teóricas entre pesquisadores. Ela diferenciou a pesquisa contábil convencional das abordagens interpretativas e críticas, rejeitando a ideia de paradigmas mutuamente exclusivos como ilógica e superficial, combinando diversas tradições de pesquisa sem enfatizar exclusividade. Corroborando, Lee (1991) e Kakkuri-Knuutila *et al.* (2008) também recomendaram que as abordagens positivista e interpretativa na pesquisa se apoiassem mutuamente, em vez de serem excludentes.

Estudos recentes, como Peng e Shiyu (2019) trouxeram que o positivismo continuará sendo a filosofia da ciência dominante na geração de conhecimento contábil. Embora essa abordagem tenha sido adotada e tenha proporcionado avanços, ela é falha. Para Araújo *et al.* (2023) a ciência positivista, ao se afastar da crítica e revisitar seus fundamentos buscando neutralidade e imparcialidade para alcançar a validade objetiva, acaba criando uma prisão baseada na fé nos dados empíricos. Isso resulta em um ciclo de crenças que se apoia em informações derivadas de conceitos fixos e não esclarecidos. No entanto, essa situação poderia ser superada pela incorporação da dinâmica dos fatos.

4. REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA CONTÁBIL NO BRASIL

Na filosofia da ciência, o modelo positivista consolidou-se como paradigma dominante da pesquisa contábil, o que acabou por limitar as agendas de investigação e o alcance das atividades intelectuais nesse campo (Lukka, 2010). Apesar de avanços nas últimas décadas, ainda prevalece uma agenda de pesquisa marcada pelo positivismo e pela primazia de métodos quantitativos (Bibi *et al.*, 2024). Esses mecanismos de dominação restringem a diversidade de pensamento e tendem a sufocar questões sociais essenciais para o debate contábil, as quais poderiam ser exploradas a partir de perspectivas sociológicas (Villiers & Fouché, 2015).

Percebe-se que o positivismo, com sua ênfase na quantificação e objetividade, impõe um constrangimento intelectual que impede a exploração de questões complexas da realidade contábil. Essa abordagem, ao focar na mensuração e na previsibilidade, falha em capturar a dinâmica social e cultural que influencia as práticas contábeis. Paul Ricoeur (1981) argumenta que a interpretação é fundamental para entender os fenômenos humanos em sua totalidade. Sob esse aspecto frisa-se que o positivismo reforça uma visão reducionista que distorce a compreensão completa do fenômeno contábil.

Karl Popper (1982), em suas críticas ao positivismo lógico, argumentou que a ciência deve estar aberta à crítica e à verificação contínuas, ao invés de se prender a um único método ou paradigma. Segundo ele, a capacidade de uma teoria ser testada e potencialmente refutada é essencial para o progresso científico. A insistência em uma abordagem positivista única contraria este princípio, restringindo o desenvolvimento e a inovação na contabilidade.

A teoria crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt e discutida por autores como Max Horkheimer (1972) e Theodor Adorno (1998), enfatiza a necessidade de se questionar e de desafiar as estruturas de poder e as normas estabelecidas. No contexto da contabilidade, isso implica examinar como as práticas contábeis influenciam e são influenciadas por relações de poder e desigualdades sociais.

No estudo Magrini (2024) pode-se perceber esse desafio, quando o autor apresentou um trabalho que difere daqueles habituais na academia, i.e., pesquisas de mercado, empresas listadas em B3. As críticas muito mais relacionadas a inquietude do novo do que a qualidade da pesquisa. A autora destaca o *habitus* de pesquisa contábil tende a rejeitar qualquer tipo de pesquisa que não seja a dominante. Isso ocorre porque o *habitus* se sustenta pela solidificação e incorporação das concepções, refletidas na filosofia e funciona como um mecanismo para o reconhecimento entre os agentes envolvidos (Bourdieu, 1989). Quando a autora propôs uma pesquisa que questionava a filosofia na qual os professores baseavam seus entendimentos, ela foi desacreditada e confrontada.

Às vezes, os artigos de pesquisa contábil se assemelham mais a artigos de ciências exatas do que a trabalhos voltados para a ciência social aplicada, na qual a contabilidade está inserida. Essa tendência reflete uma ênfase desproporcional em métodos quantitativos e técnicas estatísticas, frequentemente às custas de uma compreensão mais ampla dos contextos sociais e culturais que influenciam as práticas contábeis. Isso pode levar a conclusões que, embora estatisticamente robustas, são descontextualizadas e menos úteis para a formulação de políticas e práticas que realmente melhorem a contabilidade em um contexto social mais amplo.

Outro aspecto a ser discutido refere-se à marginalização de pesquisadores não *mainstream*. Magrini *et al.* (2024), perceberam que tanto em programas de pós-graduação quanto em publicações científicas, interessados em manter o *status quo*, geralmente não aceitam pesquisas que não sigam a abordagem positivista. É importante destacar que a ciência deve ser um campo de debate e diversidade metodológica, como argumentam Karl Popper (1959) e Thomas Kuhn (1962).

No debate epistemológico, Popper (1959) questionou os limites do positivismo lógico. O princípio da falseabilidade (Olivares, 2006), estabelece que uma teoria científica deve ser considerada somente se for passível de refutação. Para o autor, a ciência não evolui pela verificação de hipóteses, como defendido pelo positivismo lógico, mas pelo processo contínuo de crítica e tentativa de refutação. Essa concepção rompe com a ideia de ciência como acúmulo de observações empíricas verificáveis, deslocando-a para uma visão dinâmica, em que hipóteses são testadas, reformuladas e submetidas ao erro. No campo da contabilidade, essa perspectiva é relevante, uma vez que conceitos como ativo, passivo, resultado e valor justo não devem ser tratados como verdades absolutas ou representações diretas da realidade econômica, mas como construções teóricas, sujeitas a questionamentos, revisões e aprimoramentos (Major, 2017). A incorporação dessa lógica à pesquisa contábil permite fortalecer a dimensão crítica e reconhecer a pluralidade epistemológica que permeia a área.

Complementarmente, Kuhn (1962) ampliou esse debate ao destacar a importância dos paradigmas e das revoluções científicas na transformação do conhecimento. Nesse cenário, torna-se evidente que a predominância do positivismo na contabilidade impõe limites às agendas de pesquisa, priorizando metodologias quantitativas e restringindo a diversidade de pensamento. Avelar *et al.* (2020) destacam, entretanto, a necessidade de novos olhares, incentivando o uso de abordagens qualitativas, interpretativistas e críticas. Ao adotar essas perspectivas, a pesquisa contábil pode superar a rigidez herdada do paradigma positivista, abrindo espaço para investigações mais reflexivas e capazes de responder às complexidades sociais, institucionais e econômicas que caracterizam o contexto brasileiro.

Nota-se que as pesquisas teóricas e conceituais raramente são divulgadas em periódicos científicos, o que de certa forma implica empobrecimento de discussões do mais alto nível da teoria do conhecimento na comunidade acadêmica. Um exemplo, do que se discute foi abordado por Homero (2021) ao relatar dificuldade em encontrar periódicos que acochesse um trabalho crítico. O autor cita a recusa em periódicos considerados multiparadigmáticos cuja orientação dos pareceristas consistia em mudar a forma de escrita para um tom mais “neutro” o que de fato, descharacterizaria todo o trabalho. Ressalta-se que essa mesma revista, nas últimas duas décadas não publicou um único artigo crítico.

Sob o ponto de vista operacional, a predominância de estudos voltados à contabilidade financeira e com ênfase em métodos quantitativos pode ser explicada por dois fatores: a divisão do trabalho e a pressão por publicações. Os métodos quantitativos permitem uma segmentação das tarefas de pesquisa (Zyoud *et al.*, 2024), algo menos viável com abordagens qualitativas que exigem interpretações mais subjetivas e dependem do contexto (Assis & Monteiro, 2023). Além disso, a pressão por gerar publicações reforça essa tendência (Patrus *et al.*, 2015). Nesse cenário, a pesquisa qualitativa enfrenta barreiras, tanto operacionais quanto institucionais, que dificultam sua publicação em comparação à quantitativa. Entre esses desafios estão o tamanho e a complexidade dos manuscritos, assim como falta de familiaridade de revisores na avaliação de métodos qualitativos - fatores que a tornam menos compatível com os critérios editoriais tradicionais (Frankel, 2023).

Essa ênfase não é apenas percebida; é respaldada por dados: uma análise de 522 teses de doutorado em contabilidade no Brasil (2007–2021) revelou que 70 % seguiram estratégias quantitativas, enquanto apenas 22 % adotaram abordagens qualitativas e 8 % utilizaram métodos mistos (Silva, Rodrigues e Niyama, 2023). Esses números sustentam a ideia de que temas que exigem maior esforço interpretativo e sensibilidade contextual são marginalizados, e evidenciam a formação de “ilhas metodológicas” que reproduzem o paradigma predominante.

Essa pressão por resultados mensuráveis incentiva os pesquisadores a adotarem métodos quantitativos, i.e. positivistas. Nesse aspecto, Nganga *et al.* (2023) argumentam que o destaque para o número de publicações resulta em um cenário onde o processo de planejamento e desenvolvimento de pesquisa é relegado a segundo plano, levando a estudos de pouca relevância, com foco predominante em métodos quantitativos e pouca abertura para inovação pelo simples fato de ser mais “publicável”.

A predominância de pesquisas positivistas no campo da contabilidade gera tensões e barreiras às novas abordagens. Como por exemplo, dificuldade em encontrar disciplinas que abordem outras metodologias além das positivistas, perpetuando a dominação existente no campo. Em relação a formação para a pesquisa no Brasil, Nganga *et al.* (2023) apontaram a existência de uma predileção por disciplinas metodológicas – em destaque quantitativos e ausências de disciplinas para uma reflexão crítica sobre a construção do conhecimento contábil como as disciplinas de epistemologia. Além disso, percebe-se que não há apoio de orientadores na produção de pesquisas que fujam da abordagem positivista (Magrini *et al.*, 2024).

Bilhim e Gonçalves (2021) enfatizam a importância de compreender como a contabilidade está interligada às estruturas de poder social e sua evolução no contexto do capitalismo moderno. Os autores sugerem que essa compreensão pode abrir caminho para uma agenda de pesquisa mais ampla e diversificada, contribuindo para o enriquecimento da informação contábil. De forma complementar, Guthrie *et al.* (2019) destacam que temas relevantes para a pesquisa contábil envolvem tanto a influência da contabilidade na sociedade quanto a influência da sociedade na contabilidade. Estudos sobre mercado de capitais tem sua relevância e a própria literatura confirma isso, agora, existem outras áreas onde a contabilidade é igualmente importante. Por exemplo, o setor público, as organizações não governamentais (ONGs), e pequenas e médias empresas (PMEs) são contextos em que práticas contábeis podem ter implicações significativas e diferentes.

A combinação dessas perspectivas sugere que para avançar no campo da contabilidade, os pesquisadores devem adotar uma abordagem mais holística. Isso envolve não apenas a análise dos mercados financeiros, mas também a investigação de como a contabilidade interage com diferentes setores da sociedade. O que será possível alcançar diante

da adoção e aceitação de pesquisas críticas pelos periódicos de alto impacto. Contudo, essa visão crítica, não significa desprezar o passado científico, e sim a abrir para pesquisas que busquem compreender os processos a partir das combinações da cultura, linguagem, histórias, símbolos, percepção, cognição, convenções sociais, política, ideologia e poder.

Nesse contexto, Nganga *et al.* (2023) afirmam que a pesquisa em contabilidade no Brasil está enfrentando uma estagnação, influenciada, em grande parte por deficiências na formação de pesquisadores autônomos, críticos e com a capacidade de aplicar diferentes formas metodológicas para intervir em problemas reais sem medo de ousar e inovar. Percebe-se então que a renovação da pesquisa contábil no Brasil depende da coragem de romper com paradigmas estabelecidos.

5 ABORDAGENS CRÍTICAS E INTERPRETATIVAS NA CONTABILIDADE

Baker e Bettner (1997) mencionam que a essência da contabilidade pode ser mais bem compreendida por meio do seu impacto nos indivíduos, organizações e sociedades. Em toda a sociedade, a sua influência permeia questões relativas à distribuição de riqueza, justiça social, ideologia política e degradação ambiental. Portanto, é importante que a pesquisa contábil faça uso de perspectivas interpretativas e críticas. Quase três décadas depois ainda se discute sobre a necessidade de abordar metodologias que foquem em métodos alternativos. Por quê?

Para responder esse questionamento, duas abordagens de pesquisa com postura epistemológica anti-positivista surgem: o interpretativista e a crítica (Mott e Sanches, 2017). Com visões subjetivas, os significados são construídos pela interação entre objeto e sujeito, uma ontologia construcionista (Martins, 2005). Segundo Gaffikin (2006), o paradigma interpretativista vê o conhecimento como uma construção social que evolui com base nas experiências humanas. Myers (2019) aponta que os pesquisadores interpretativistas focam em entender os significados no contexto específico do fenômeno estudado. Para Jamaluddin *et al.* (2023), a abordagem interpretativa é moldada por estudos históricos, literários e existenciais, onde o entendimento subjetivo dos indivíduos é considerado significativo. Nessa abordagem, reconhece-se a existência de múltiplas realidades, o que exige o uso de vários métodos para compreendê-las plenamente.

Segundo Dewi (2021) o paradigma interpretativo é um método de investigação que se baseia em dois pressupostos: a realidade social científica, que implica uma abordagem subjetiva da ciência, e a crença de que a sociedade é regulada ou ordenada. A tarefa dos cientistas consiste em compreender por que essa ordem da realidade ocorre. O Paradigma Interpretativo (Subjetivo - Regulação) descreve a estabilidade do comportamento a partir da perspectiva individual.

De acordo com Adil *et al.*, (2022) a visão interpretativa considera que a realidade não possui um único aspecto, mas sim múltiplos, o que torna seu estudo a partir de diferentes perspectivas. Em complemento, Denzin e Lincoln (2011) defende que a realidade é construída socialmente, o que significa que diferentes indivíduos e grupos podem ter diferentes interpretações do mesmo fenômeno. Isso se alinha com a ideia de que múltiplas realidades coexistem, e cada uma delas pode ser válida no seu próprio contexto. Como Hussey e Hussey (1997) argumentam, os valores do pesquisador desempenham um papel importante na determinação do que é considerado fato e como esses fatos são interpretados. Essa noção é central na abordagem interpretativa, pois reconhece que a neutralidade completa é impossível; a subjetividade e os preconceitos do pesquisador sempre influenciam a pesquisa (Pozzebon & Petrini; Gillani, 2021).

Sob a ótica da contabilidade, comprehende que a prática contábil não é apenas técnicas neutras, mas também práticas sociais que refletem e influenciam valores culturais e sociais (Carnegie *et al.*, 2022). Por exemplo, a forma como diferentes culturas interpretam conceitos como “transparência” ou “responsabilidade” pode variar. Incorporar essas perspectivas pode enriquecer a forma como as práticas contábeis são compreendidas e assim aumentar a relevância da pesquisa contábil. Fundamentalmente, essa linha de investigação tem o potencial de realinhar a contabilidade com as ciências sociais. Ao explorar o papel da contabilidade, Lehman (2010) defende que a abordagem interpretativa é uma estratégia para desenvolver a contabilidade em um contexto social e aprimorando as estruturas teóricas.

A pesquisa interpretativa em contabilidade pode usar várias metodologias tais como etnografia, fenomenologia e hermenêutica. Por exemplo, a etnografia observa e interpreta comportamentos e interações sociais (Denzin & Lincoln, 2011). Os estudos de caso analisam exemplos, explorando as práticas contábeis em contextos específicos (Yin, 2018). A fenomenologia enfatiza nas experiências vividas e como são interpretadas (Moustakas, 1994). A análise narrativa envolve histórias sobre experiências contábeis para entender como significados são construídos (Riessman, 2008). A hermenêutica interpreta textos e símbolos, buscando entender seus significados (Ricoeur, 1981). A análise discursiva examina como a linguagem constrói significados, influenciando a prática contábil (Fairclough, 2003). Essas abordagens enriquecem a pesquisa interpretativa, proporcionando uma compreensão dos fenômenos contábeis.

De acordo com Myers (2019), o processo começa com a formulação de questões abertas, orientadas à compreensão dos significados e interpretações atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Técnicas como entrevistas, estudos de caso ou etnografia são recomendadas pois permitem por meio das experiências vividas, compreender como as práticas contábeis são construídas, percebidas e vivenciadas em um contexto (Moustakas, 1994; Yin, 2018).

Após a coleta inicial de dados, o próximo passo envolve realizar uma análise e reflexiva, na qual os pesquisadores interpretam os dados qualitativos coletados, identificando padrões, categorias e significados. Riessman (2008) sugere que o uso da análise narrativa pode revelar como os indivíduos constroem significados por meio de histórias pessoais e profissionais, enquanto Ricoeur (1981) recomenda a hermenêutica para interpretar textos e símbolos presentes nas práticas contábeis. Durante essa fase analítica, é importante que o pesquisador reconheça suas crenças, valores e preconceitos, uma vez que a subjetividade está presente na construção e interpretação dos dados qualitativos (Hussey & Hussey, 1997; Denzin & Lincoln, 2011).

O paradigma crítico, como descrito por Myers (2019), compartilha aspectos com o interpretativista, mas assume que a capacidade dos pesquisadores de agir para mudar suas circunstâncias é limitada por domínios sociais, culturais ou políticos. Esse paradigma não só busca entender o contexto, como também desafia crenças e valores estabelecidos, propondo melhorias por meio da autorreflexão. Gaffikin (2006) destaca que, sem reflexão crítica sobre o que e como se conhece, as ações podem apenas reforçar a visão dominante da sociedade.

Conforme discutido por Bilhim e Gonçalves (2021) ser crítico implica adotar uma perspectiva epistemológica que desafia as normas estabelecidas. Pesquisadores que abraçam esse papel estão expostos aos mesmos sistemas de poder que tentam moldar o comportamento humano e construir suas percepções - exatamente os aspectos que eles se esforçam para expor e questionar (Gendron, 2018). O foco desta abordagem está nas desigualdades sociais, carregando consigo um compromisso político direcionado às transformações na sociedade. Contrariamente à visão de que a contabilidade é uma prática objetiva e imparcial.

Para tanto, a análise crítica do discurso proposta por Fairclough (2003) permite desvendar como as linguagens e as narrativas em contabilidade influenciam, reforçam ou desafiam estruturas sociais de poder. Além disso, os pesquisadores críticos são chamados não apenas a compreender o fenômeno, mas também a propor reflexões que possam provocar mudanças na sociedade (Lehman, 2010; Sauerbronn, Lima & Faria, 2023). Esse envolvimento inclui a formulação de recomendações para organizações e para educação contábil, sugerindo a incorporação de teorias críticas no ensino e estimulando uma formação que vá além das competências técnicas, desenvolvendo a criticidade dos futuros profissionais (Sauerbronn *et al.*, 2023).

Nesse aspecto, percebe-se que o desafio de uma pesquisa crítica em contabilidade envolve a necessidade de descolonizar corpos e mentes que foram submetidos a processos de subjetivação promovidos pela contabilidade positivista e pró-mercado (Sauerbronn, Lima e Faria, 2023). A descolonização surge do entendimento de que as metodologias e teorias tradicionais refletem e perpetuam estruturas de poder e dominação - Eurocentrismo, Hierarquização do Conhecimento, Linguagem e Discurso. No entanto, há também o risco de uma recolonização, onde se aceita passivamente a dominação de autores internacionais. O verdadeiro desafio está em reconhecer as epistemologias críticas como ferramentas para desconstruir o que é considerado certo, sem tratá-las como as únicas ou superiores para explicar os fenômenos (Sauerbronn *et al.*, 2023).

Assim, o debate sobre descolonização da pesquisa contábil não deve ser compreendido como a simples substituição de um paradigma dominante por outro, mas como a abertura para uma pluralidade epistemológica capaz de enriquecer o campo. Reconhecer os limites do positivismo e das abordagens tradicionais é um passo importante, mas igualmente essencial é evitar que as epistemologias críticas se transformem em novos instrumentos de exclusão. Torna-se necessário a promoção de um diálogo entre diferentes perspectivas, de modo a construir uma ciência contábil mais reflexiva, inclusiva e comprometida com a complexidade social que busca compreender.

6 CONCLUSÕES

O presente ensaio teórico buscou refletir sobre a perspectiva na qual a pesquisa contábil brasileira deve concentrar seus esforços para evoluir enquanto ciência, destacando a necessidade de uma abordagem mais holística e contextualizada. Inicialmente, abordou-se a visão de positivismo que moldou as práticas contábeis com sua ênfase na objetividade e na quantificação. No entanto, conforme discutido, essa abordagem tem suas limitações, especialmente na capacidade de capturar as complexidades sociais e culturais inerentes à prática contábil.

Seria equilibrado reconhecer que cada abordagem de pesquisa - seja ela quantitativa, qualitativa ou mista - traz suas próprias forças e limitações. Enquanto o positivismo, associado à pesquisa quantitativa, oferece uma estrutura rigorosa para a medição e análise de dados, ele pode, em algumas ocasiões, falhar em capturar a complexidade e a profundidade dos fenômenos sociais que são mais acessíveis por meio de métodos qualitativos.

Identificou-se, portanto, uma necessidade de integrar outras metodologias, incluindo abordagens críticas e interpretativas, tendo em vista que os métodos quantitativos podem reduzir a profundidade e a relevância das pesquisas contábeis. Além disso, a predominância do positivismo impede a inovação e a exploração de questões sociais que são fundamentais para uma compreensão completa da contabilidade.

O desenvolvimento metodológico na pesquisa contábil ao longo das últimas décadas foi caracterizado uma unicidade positivista. É importante para os pesquisadores de contabilidade ansiarem por paradigmas de pesquisa alternativos para fornecer diferentes perspectivas e manter a mente aberta sobre as reais contribuições sociais que a pesquisa contábil precisa fornecer aos usuários.

Adotar uma abordagem mista pode ser proveitosa, pois permite aos pesquisadores explorar de forma mais ampla as questões da pesquisa, combinando a objetividade e a capacidade de generalização dos métodos quantitativos com a riqueza de detalhes e o contexto fornecidos pelos métodos qualitativos. Essa combinação pode enriquecer a análise, permitindo uma compreensão mais holística e integrada dos fenômenos estudados.

No contexto brasileiro, o que se percebe é uma estagnação, atribuída à falta de formação de pesquisadores críticos e inovadores. Para superar esses desafios, é essencial promover uma agenda de pesquisa que inclua perspectivas interdisciplinares e metodologias variadas e integrar abordagens sociológicas e culturais. A renovação da pesquisa contábil no Brasil depende da coragem de romper com paradigmas e da disposição dos desafios atribuídos aqueles que fogem

do *mainstream*. Adotar uma postura inclusiva e pluralista permitirá que a contabilidade evolua como uma ciência sendo assim, capaz de responder aos desafios contemporâneos de maneira mais eficaz.

A pesquisa é um processo de descoberta intelectual, que tem o potencial de transformar nosso conhecimento e compreensão do mundo que nos rodeia" (Ryan, Scapens *et al.*, 2002, p. 7).

REFERÊNCIAS

- Acharya, R. (2024). Examining interpretivism in social science research. *Education*. <https://www.skultech.com/examining-interpretivism-in-social-science-research/>
- Adil, M., Nagu, N., Rustam, A., Wahyuni, I., & Winarsih, E. (2022). Interpretive paradigm on development of science and accounting research. *International Journal of Humanities Education and Social Sciences (IJHES)*, 1(4), 297-302.
- Adorno, T. W. (1998). *Prismas: Crítica cultural e sociedade* (A. Wernet & J. M. B. de Almeida, Trad.). São Paulo: Ática.
- Alawattage, C., Graham, C., & Wickramasinghe, D. (2021). Advancing interdisciplinary and critical accounting research: Methodological considerations. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 34(1), 1-30. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-12-2019-4313>
- Alharahsheh, H. H., & Pius, A. (2020). Uma revisão de paradigmas-chave: positivismo versus interpretativismo. *Revista Acadêmica Global de Humanidades e Ciências Sociais*, 2(3), 39-43.
- Anessi-Pessina, E., Caruana, J., Sicilia, M., & Steccolini, I. (2020). Heritage: The priceless hostage of accrual accounting. *International Journal of Public Sector Management*, 33(2/3), 285-306. <https://doi.org/10.1108/IJPSM-03-2019-0065>
- Araújo, J. G. N., de Matos, F. J. S., de Moura Soeiro, T., & Lagioia, U. C. T. (2023). Data validation and scientific assumption of impartiality in accounting by Horkheimer's *Verstand*. *Revista de Contabilidade da UFBA*, 17, e2313. <https://doi.org/10.9771/rucuba.v17i0.2313>
- Assis, C. F., & Monteiro, R. (2023). Metodologias qualitativas e quadros de referência para a pesquisa em ciências humanas e sociais aplicadas. *Jures*, 16(29), 1-28.
- Avelar, E. A., de Pádua Ribeiro, L. M., Boina, T. M., Gomes, C. C., & de Oliveira Ferreira, C. (2020). A pesquisa qualitativa contábil no Brasil: Cenário de desafios e oportunidades frente ao predomínio positivista. *Revista Liceu On-Line*, 10(1), 113-137.
- Baker, C. R., & Bettner, M. S. (1997). Interpretive and critical research in accounting: A commentary on its absence from mainstream accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 8(4), 293-310. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0116>
- Ball, R., & Brown, P. (1968). An empirical evaluation of accounting. *Journal of Accounting Research*, 6(2), 159-178. <https://doi.org/10.2307/2490232>
- Beaver, W. H. (1968). The information content of annual earnings announcements. *Journal of Accounting Research*, 6(3), 67-92. <https://doi.org/10.2307/2490070>
- Bhattacherjee, A. (2012). *Social science research: Principles, methods, and practices* (2nd ed.). University of South Florida Scholar Commons. https://scholarcommons.usf.edu/oa_textbooks/3
- Bibi, H., Khan, S., & Shabir, M. (2022). A critique of research paradigms and their implications for qualitative, quantitative and mixed research methods. *Webology*, 19(2). <https://doi.org/10.14704/WEB/V19I2/WEB19347>
- Bilhim, J. A. de F., & Gonçalves, A. de O. (2022). Abordagens epistemológicas e pluralismo na pesquisa em contabilidade: Para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 59-75. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VVII.N1/pp.59-75>
- Bilhim, J., & Gonçalves, A. (2021). Epistemological approaches and pluralism in accounting research: Beyond the dominant paradigm. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 59-75. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VVII.N1/pp.59-75>
- Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas* (5ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Brandão, A. R. P. (2011). A postura do positivismo com relação às ciências humanas. *Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia*, 3(6), 80-105.
- Brentano, F. C., & Curvello, F. V. (2022). Auguste Comte e a filosofia positiva. *Revista de Filosofia Aurora*, 34(62), 359-389. <https://doi.org/10.7213/1980-5934.34.062.DS01>
- Breznau, N., Rinke, E. M., Wuttke, A., Nguyen, H. H., Adem, M., Adriaans, J., ... & Van Assche, J. (2022). Observing many researchers using the same data and hypothesis reveals a hidden universe of uncertainty. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(44), e2203150119. <https://doi.org/10.1073/pnas.2203150119>
- Buchweitz, M. J. R., Pereira, T. A., da Cruz, A. P. C., & Barbosa, M. A. G. (2019). Além de Watts e Zimmerman: A precursão da teoria positiva da contabilidade nos estudos de Dumarchey e a influência dos autores na literatura contábil permanente no Brasil. *Sinergia*, 23(1), 9-18. <https://doi.org/10.17648/sinergia-231-4179>
- Cahyono, S., & Daniel, D. R. (2023). The positivism paradigm in internal audit research: A perspective of contemporary accounting research. *Kompartemen: Jurnal Ilmiah Akuntansi*, 21(1), 69-79. <https://doi.org/10.30595/kompartemen.v21i1.15664>
- Cardoso, S. R. P. (2013). O positivismo de Auguste Comte e a sua influência na educação. In *Sociologia da Educação: debates clássicos na formação de professores* (p. 31).
- Carnegie, G. D., & Wolnizer, P. W. (1995). The financial value of cultural, heritage and scientific collections: An accounting fiction. *Australian Accounting Review*, 5(9), 31-47. <https://doi.org/10.1111/j.1835-2561.1995.tb00187.x>

Carnegie, G. D., Ferri, P., Parker, L. D., Sidaway, S. I., & Tsahuridu, E. E. (2022). Accounting as a technical, social and moral practice: The monetary valuation of public cultural, heritage and scientific collections in financial reporting. *Australian Accounting Review*, 32(4), 460–472. <https://doi.org/10.1111/auar.12358>

Cazavechia, W. R. (2017). A evolução histórica e a religião da humanidade em Augusto Comte (1798–1857) [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário de Maringá]. Repositório Institucional Unicesumar. <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/1640/1/epcc--79695.pdf>

Chahed, Y., Charnock, R., Dahlström, S. D. R., Lennon, N. J., Palermo, T., Parisi, C., Pflueger, D., Sundström, A., Toh, D., & Yu, L. (2025). The value of research activities “other than” publishing articles: Reflections on an experimental workshop series. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 38(1), 90–114. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-05-2022-5818>

Chua, W. F. (1986). Radical developments in accounting thought. *The Accounting Review*, 61(4), 601–632.

Comte, A. (1978). *Curso de filosofia positiva*. In *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

Comte, A. (1983). *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Abril Cultural.

Costa, R. S. da, Farias, K. T. R., & Farias, M. R. S. (2024). Características epistemológicas da produção científica na linha de pesquisa contabilidade financeira. *Revista de Gestão e Secretariado*, 15(4), e3693. <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i4.3693>

Crivelente, M. R. (2024). *Análise dos modelos de avaliação da pesquisa científica, tecnológica e de inovação: institucionalização, pressupostos políticos e económicos, fundamentos teórico-metodológicos, instrumentos, impactos sociais* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Universidade de São Paulo.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2011). *The Sage handbook of qualitative research* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Dewi, I. G. A. A. O. (2021). Understanding data collection methods in qualitative research: The perspective of interpretive accounting research. *Journal of Tourism Economics and Policy*, 1(1), 23–34.

Domingues, I. (2004). *Epistemologia das ciências humanas: Positivismo e hermenêutica* (Vol. 1). São Paulo: Loyola.

Efrag. (2021). *Accounting estimates and areas of judgement*. RSM UK.

Everett, J., Neu, D., Rahaman, A. S., & Maharaj, G. (2015). Praxis, doxa and research methods: Reconsidering critical accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 32, 37–44. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2015.04.001>

Fairclough, N. (2003). *Analyzing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

França Lopes, I., Ferreira da Silva, L. R., & Martins Meurer, A. (2024). Revisão crítica da literatura de carreira em contabilidade no Brasil: Um diálogo construcionista. *REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade*, 14(3), 47–66. <https://doi.org/10.18696/reunir.v14i3.1751>

Frankel, R. M., & Cottingham, A. H. (2024). Making meaning matter: An editor’s perspective on publishing qualitative research. *Journal of General Internal Medicine*, 39(2), 301–305. <https://doi.org/10.1007/s11606-023-08255-1>

Gaffikin, M. (2006). *The critique of accounting theory* (Faculty of Business – Accounting & Finance Working Papers). University of Wollongong, Research Online. <http://ro.uow.edu.au/>

Ghozali, I. (2004). Pergeseran paradigma akuntansi dari positivisme ke perspektif sosiologis dan implikasinya terhadap pendidikan akuntansi di Indonesia. *Jurnal Manajemen Akuntansi & Sistem Informasi MAKSI*, 7(1), 50–65.

Gillani, D. (2021). A pesquisa qualitativa pode e “deve” ser isenta de valores? Compreendendo a disputa epistemológica entre positivistas e interpretativistas. *Journal of Political Studies*, 28, 181.

Guthrie, J., Parker, L. D., Dumay, J., & Milne, M. J. (2019). What counts for quality in interdisciplinary accounting research in the next decade: A critical review and reflection. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 32(1), 2–25. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-01-2019-036>

Hartmann, F. (2022). Accounting to legitimacy: The case of internally generated intangibles. *Journal of Accounting & Organizational Change*, 18(3), 363–384. <https://doi.org/10.1108/JAOC-07-2021-0096>

Homero Junior, P. F. (2017). Paradigma e ordem do discurso da pesquisa contábil brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(1), 39–53.

Homero Junior, P. F. (2021). Reflexões sobre a prática da pesquisa crítica em contabilidade no Brasil: Uma nota autobiográfica. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 15(2). <https://doi.org/10.17524/repec.v15i2.2823>

Hopwood, A. G. (2002). Creating a new community: The establishment and development of the European Accounting Association. *European Accounting Review*, 11(1), 33–41. <https://doi.org/10.1080/09638180220124725>

Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *The Accounting Review*, 82(5), 1365–1374. <https://doi.org/10.2308/accr-2007.82.5.1365>

Horkheimer, M. (1972). Traditional and critical theory. In M. Horkheimer, *Critical theory: Selected essays* (pp. 188–243). New York: Herder and Herder.

Houghton, T. (2011). Does positivism really “work” in the social sciences? *E-International Relations*, 1–4. <https://www.e-ir.info/2011/09/26/does-positivism-really-%E2%80%98work%E2%80%99-in-the-social-sciences/>

Hussey, J., & Hussey, R. (1997). *Business research: A practical guide for undergraduate and postgraduate students*. London: Macmillan.

Iudícibus, S., Ribeiro Filho, J. F., Lopes, J. E. D. G., & Pederneiras, M. M. M. (2011). Uma reflexão sobre a contabilidade: Caminhando por trilhas da “teoria tradicional e teoria crítica”. *BASE: Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS*, 8(4), 274–285. <https://doi.org/10.4013/base.2011.84.05>

Jamaluddin, A., Ab Rahman, R., & Rahman, N. H. A. (2023). The whence and whither of interpretive management accounting research: A structured literature review. *Accounting and Finance Research*, 12(2), 1. <https://doi.org/10.5430/afr.v12n2p1>

Jeanjean, T., & Ramirez, C. (2009). Back to the origins of positive theories: A contribution to an analysis of paradigm changes in accounting research. *Accounting in Europe*, 6(1), 107–126. <https://doi.org/10.1080/17449480902896421>

Junjie, M., & Yingxin, M. (2022). The discussions of positivism and interpretivism. *Online Submission*, 4(1), 10–14.

Kakkuri-Knuuttila, M. L., Lukka, K., & Kuorikoski, J. (2008). Straddling between paradigms: A naturalistic philosophical case study on interpretive research in management accounting. *Accounting, Organizations and Society*, 33(2–3), 267–291. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2006.12.003>

Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.

Lee, A. S. (1991). Integrating positivist and interpretive approaches to organizational research. *Organization Science*, 2(4), 342–365. <https://doi.org/10.1287/orsc.2.4.342>

Lehman, G. (2010). Interpretive accounting research. *Accounting Forum*, 34(3–4), 231–235. <https://doi.org/10.1016/j.accfor.2010.09.004>

Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: Em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99–122. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>

Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, 21(2), 110–115. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2010.02.002>

Macagnan, C. B., da Silva Prado, A. G., & Ferreira, J. C. (2020). Método quantitativo à luz da perspectiva crítica em contabilidade. In *Congresso ANPCONT XIV*. Foz do Iguaçu, PR. https://anpcont.org.br/pdf/2020_EPC424.pdf

Magrini, V. O., da Silva, M. A., da Silva, S. M. C., & Soares, E. C. (2024). Barreiras e desafios paradigmáticos na contabilidade: Relatos de uma pesquisadora não mainstream. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 98–111. DOI: 10.14392/asaa.2024170105

Major, M. J. (2017). O positivismo e a pesquisa “alternativa” em contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28(74), 173–178. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201790330>

Martins, E. (2005). Normativismo e/ou positivismo em contabilidade: Qual o futuro? *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(37), 3. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000100001>

Medeiros, S. (2010). Bases epistemológicas do positivismo e do materialismo dialético: Notas para reflexão. *Itinerarius Reflectionis*, 6(2). <https://doi.org/10.5216/irr.v6i2.10087>

Mohammed, M. M. (2024). *The importance of accounting information in management decision making process* (Master's thesis, Sakarya University). Sakarya University Institutional Repository. https://enstituois.sakarya.edu.tr/TezDosyalari/1335_202412251345030491_TamMetin.pdf

Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Myers, M. D. (2019). *Qualitative research in business and management* (2nd ed.). London: Sage.

Nascimento Silva, C., & da Costa, S. A. (2025). Há espaço para pesquisa qualitativa na contabilidade? Evidências a partir das teses brasileiras. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 24(1), 5. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10290213>

Nepomuceno Valerio, J. (2017). Teoria das contabilidades: Quo vadis? *Criterio Libre*, 15(27), 21–42. <https://doi.org/10.18041/1900-0642/criteriolibre.2017v15n27.1712>

Nganga, C. S. N., Nova, S. P. D. C. C., de Lima, J. P. R., & da Silva, S. M. C. (2023). Publicar ou pesquisar? Reproduzir ou ensinar? Reflexões sobre as experiências de mulheres doutorandas em ciências contábeis. *Education Policy Analysis Archives*, 31, 1–24. <https://doi.org/10.14507/epaa.31.7377>

Olivares, E. H. (2006). Observación, teorías y valores a la luz de la filosofía de Popper. *CIENCIA ergo-sum, Revista Científica Multidisciplinaria de Prospectiva*, 13(2), 200–210.

Patrus, R., Dantas, D. C., & Shigaki, H. B. (2015). O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: Uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE.BR*, 13(1), 1–18. <https://doi.org/10.1590/1679-39512015v13n1a004>

Peng, S., & Shiyu, S. (2019). A comparative analysis on positivism and critical realism in accounting research. In *2019 4th International Conference on Social Sciences and Economic Development (ICSSED 2019)* (pp. 212–216). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/icssed-19.2019.41>

Phoenix, C., Osborne, N. J., Redshaw, C., Moran, R., Stahl-Timmins, W., Depledge, M. H., & Wheeler, B. W. (2013). Paradigmatic approaches to studying environment and human health: (Forgotten) implications for interdisciplinary research. *Environmental Science & Policy*, 25, 218–228. <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2012.10.015>

Pickering, M. (2011). Auguste Comte. In G. Ritzer (Ed.), *The Wiley-Blackwell companion to major social theorists: Classical social theorists* (Vol. 1, pp. 30–60). Wiley-Blackwell.

Pires da Silva, J., Niyama, J. K., & Noriller, R. M. (2018). Teoria da contabilidade: Reflexões sobre os 55 anos de positivismo. *Revista FSA*, 15(2), 27–47. <https://doi.org/10.12819/2018.15.2.2>

- Popper, K. (1982). *Conjecturas e refutações*. Brasília: Editora UnB.
- Pozzebon, M., & Petrini, M. (2013). Critérios para condução e avaliação de pesquisas qualitativas de natureza crítico-interpretativa. In M. M. Godoy & A. Bandeira-de-Mello (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em administração: Fundamentos, métodos e usos no Brasil* (pp. 51–72). São Paulo: Saraiva.
- Prévost, J.-G., & Beaud, J.-P. (2012). *Statistics, public debate and the State, 1800–1945: A social, political and intellectual history of numbers*. London: Pickering & Chatto.
- Ramassa, P., Avallone, F., & Quagli, A. (2024). As pressões do “jogo editorial” podem afetar a escolha do tema de pesquisa? Uma pesquisa com pesquisadores europeus de contabilidade. *Journal of Management & Governance*, 28(2), 507–542. <https://doi.org/10.1007/s10997-023-09667-8>
- Richardson, A. J. (2015). Quantitative research and the critical accounting project. *Critical Perspectives on Accounting*, 32, 67–77. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2014.05.002>
- Ricoeur, P. (1981). *Hermeneutics and the human sciences: Essays on language, action and interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ryan, B., Scapens, R. W., & Theobold, M. (2002). *Research method and methodology in finance and accounting* (2nd ed.). London: Thomson.
- Santos, L. M., Pelosi, E. M., & de Oliveira, B. C. S. C. M. (2012). Teoria da complexidade e as múltiplas abordagens para compreender a realidade social. *Serviço Social em Revista*, 14(2), 47–72. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2012v14n2p47>
- Santos, M. A. C., Dias, L. N. S., & Dantas, J. A. (2014). Teorias normativa e positiva da contabilidade. In J. K. Niyama (Org.), *Teoria avançada da contabilidade* (pp. 1–37). São Paulo: Atlas.
- Sauerbronn, F. F., Homero Junior, P. F., de Araujo, M. C., de Carvalho, T. F. M., & de Lima, J. P. R. (2023). Pesquisa crítica em contabilidade: Um campo de possibilidades. *Revista Mineira de Contabilidade*, 24(3), 4–11. <https://doi.org/10.21714/2446-9114RM-C2023v24n3a01>
- Sayed, S., Cornacchione, E. B., Nunes, T., & de Souza, M. C. (2019). Análise dos estudos em história da contabilidade em teses e periódicos brasileiros (2000–2016). *ConTexto – Contabilidade em Texto*, 19(41), 35–53. <https://doi.org/10.21571/contextus.v19i41.1167>
- Scotland, J. (2012). Exploring the philosophical underpinnings of research: Relating ontology and epistemology to the methodology and methods of the scientific, interpretive, and critical research paradigms. *English Language Teaching*, 5(9), 9–16. <https://doi.org/10.5539/elt.v5n9p9>
- Silva, C. N., Rodrigues, L. L., & Niyama, J. K. (2023). Is there room for qualitative research in accounting? Evidence from Brazilian dissertations and theses. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(3), e220153. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023220153.en>
- Silva, J. P., Niyama, J. K., & Noriller, R. M. (2018). Teoria da contabilidade: Reflexões sobre os 55 anos de positivismo. *Revista FSA*, 15(2), 27–47. <https://doi.org/10.12819/2018.15.2.2>
- Somantri, E. D. (2013). Kritik terhadap paradigma positivisme. *Jurnal Wawasan Hukum*, 28, 622–633.
- Suyunus, M. (2012). Ketika paradigma positivo mendampingi paradigma não positivo dalam riset akuntansi. *Ekuitas: Jurnal Ekonomi dan Keuangan*, 16(4), 409. <https://doi.org/10.24034/j25485024.y2012.v16.i4.2333>
- Villiers, R. R. D., & Fouché, J. P. (2015). Philosophical paradigms and other underpinnings of the qualitative and quantitative research methods: An accounting education perspective. *Journal of Social Sciences*, 43(2), 125–142.
- Vogt, M., Silva, M. Z. D., & Valle, I. R. (2021). “Comendo pelas beiradas”: Vigilância epistemológica e a abordagem Bourdieusiana no campo contábil. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(1), 58–69. <https://doi.org/10.1590/1679-39512020v18n4a001>
- Watts, R. L., & Zimmerman, J. L. (1990). Positive accounting theory: A ten-year perspective. *The Accounting Review*, 65(1), 131–156.
- Watts, R. L., & Zimmerman, J. L. (1986). *Positive accounting theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Wickramasinghe, D. (2011). Ontological dependency on epistemology strategy: Interpretive management accounting research revisited. In M. J. Epstein, J. Y. Lee, & M. J. Young (Eds.), *Review of management accounting research* (pp. 543–566). London: Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9780230353275_21
- Yin, R. K. (2018). *Case study research and applications: Design and methods* (6th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Zyoud, M. M., Bsharat, T. R. K., & Dweikat, K. A. (2024). Quantitative research methods: Maximizing benefits, addressing limitations and advancing methodological frontiers. *ISRG Journal of Multidisciplinary Studies*, 2(4). <https://doi.org/10.5281/zenodo.10939470>